

Desempenho

Setembro de 2021



Em setembro, o cenário continuou marcado por incertezas econômicas, com consequências para os mercados em geral.

No âmbito internacional, continuam as expectativas relativas à retirada dos estímulos da política monetária dos EUA, com a redução de compra de títulos pelo Banco Central, aliado ao esperado aumento na taxa de juros, além da desaceleração do crescimento econômico na China e na Europa.

Neste contexto, o crescimento econômico global previsto para 2021 e para o próximo ano têm se reduzido, especialmente em decorrência dos problemas com a oferta de energia e produção menor de commodities ligadas a esse setor (gás natural, petróleo e carvão), que tem implicado também em altíssima pressão sobre os preços, levando a rumores de estagflação (baixo crescimento com inflação) na economia mundial.

Com relação à China, o principal assunto foi a crise de liquidez envolvendo a incorporadora Evergrande, que provocou temores de uma onda de defaults, falências com possibilidade de impactar o mercado bancário chinês. Esse risco parece baixo, restando sim o impacto negativo sobre o crescimento proveniente de menor atividade no setor imobiliário, importante para economia chinesa.

Voltando à economia americana, ainda que a atividade econômica venha apresentando crescimento um pouco abaixo do esperado, o nível de expansão permanece robusto, com a desaceleração refletindo principalmente obstáculos do lado da oferta de componentes industriais e mão de obra, que devem ser superados no médio prazo.

Com isso, o FED (Banco Central Americano) indicou o encerramento da expansão do seu balanço em meados de 2022, com a redução do volume de compra de títulos e recursos disponíveis no mercado financeiro antes do previsto pelo mercado em geral. Tal redução refletiu em pressão sobre os juros futuros americanos, contribuindo para a valorização do dólar no mês e consequente desvalorização das demais moedas como o Real, por exemplo.

Olhando para o Brasil, a inflação continua alta e persistente, levando o Banco Central a prever que o ciclo de aumento da taxa básica de juros deve ser maior do que o projetado anteriormen-

te. Por sua vez, o mercado aumentou as expectativas de Selic, com consequentes revisões redutoras para o crescimento econômico de 2022.

Aliado a esse contexto turbulento, há a incerteza advinda dos ruídos políticos e dos frequentes embates institucionais entre os três poderes. Esse clima tenso continua a trazer volatilidade ao mercado financeiro local, seja na renda fixa, notadamente com a abertura das taxas nos títulos públicos, trazendo reflexo negativo para a marcação a mercado desta classe de ativos; bem como para o mercado de ações, que encerrou o mês com queda de mais de 6% e o Real, que se desvalorizou em mais de 5% no período.

Ponto positivo foi o desempenho da carteira de fundos multimercados da Funssest, trazendo impacto positivo no mês para os perfis de investimentos cuja alocação nesta classe de ativos é possível, do conservador ao agressivo, ajudando desta forma a mitigar o efeito negativo da renda variável, efeito da estratégia de diversificação das alocações.

O cenário ainda é de cautela, principalmente para o Brasil. Entretanto, rupturas maiores não estão na visão dos analistas, em virtude da avaliação de que o atual regime fiscal não será alterado, com respeito ao teto de gastos, e que a inflação será endereçada, uma vez que a taxa de juros se encontra em processo de elevação, com o Banco Central já tendo anunciado que irá fazer o que tem de ser feito para que atinja a meta no horizonte relevante.

Por fim, para o próximo ano fica também a dúvida sobre o quão combativo será o processo eleitoral. O que sabemos é que, dado o contexto econômico, a eleição presidencial sempre traz fortes emoções e volatilidade ao mercado financeiro em geral.